

Jogo que ensina

Tirar as crianças das telas é um dos principais desafios das famílias atualmente. No entanto, o professor brasileiro Americo Amorim descobriu uma possibilidade valiosa nesse interesse. Para a sua tese de doutorado em educação, defendida na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, ele criou 20 jogos digitais de consciência fonológica, um conceito que abarca uma série de habilidades, como separar sílabas, juntar sons para formar novas palavras e reconhecer rimas e vocábulos iniciados pelos mesmos sons. No total, 749 crianças, com idade média de 4 anos, tiveram acesso às atividades por meio de tablets de baixo custo. Elas foram aplicadas, com a ajuda de professores e psicólogos, durante três meses em 17 escolas particulares de cinco cidades pernambucanas – Recife, Olinda, Paulista, Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes.

As crianças foram divididas, por sorteio, em dois grupos – o que praticou as atividades propostas e o que não o fez. Ambos passaram por avaliações e os resultados foram comparados. Os alunos que realizaram o programa tiveram resultados 68% superiores em leitura e 48% na escrita em relação àqueles que não participaram. “Uma das principais contribuições da pesquisa é mostrar a importância de fazer esse tipo de estimulação lúdica já na educação infantil, o que contribui para a alfabetização na idade correta no ensino fundamental”, observa Amorim. Esse é um exemplo de como a tecnologia é uma aliada no desenvolvimento das crianças, desde que monitorada e respeitando o tempo de tela.



FOTO: ELI_ASENOVA / GETTY IMAGES E KALI9 / GETTY IMAGES



Hora de levantar

Muitas empresas se preocupam com o tempo que os funcionários passam sentados. Para que se movimentem, oferecem ginástica laboral, mesas para ficar em pé e até fazem reuniões durante uma caminhada. Já parou para pensar no tempo que os estudantes passam sentados? Estudos já associaram o hábito a maior risco de desenvolver doenças cardíacas, diabetes, obesidade e depressão. Há pesquisas que mostram que levantar a cada hora para fazer exercícios leves ajuda a reduzir esses problemas. No entanto, uma pesquisa da Universidade da Califórnia, feita em Los Angeles, nos Estados Unidos, com 66 alunos em idade escolar, constatou que mais da metade considerava socialmente inaceitável se levantar e se esticar no meio da sala de aula. Para a professora de dança Angelia Leung, que liderou o estudo, cabe aos professores propor pausas a cada hora e incluir atividades externas, de forma que as crianças se movimentem sem pressão. No Colégio Albert Sabin, em São Paulo, os alunos na faixa dos 5 anos se locomovem para ter aulas de inglês e artes, que acontecem em outro prédio. “Além disso, até mesmo as aulas mais tradicionais são, muitas vezes, ministradas no bosque em frente à escola ou no pátio”, conta o professor de educação física Marcelo Nunes.

Mais ideias para tirar os alunos da cadeira:

- Ⓜ Aulas práticas em diferentes ambientes da escola e fora dela. Até o supermercado pode se tornar um ambiente interessante.
- Ⓜ Experimentos que envolvam a turma, de forma que todos se levantem para acompanhar.
- Ⓜ Desafios para que os alunos busquem a solução pela escola, como uma caça ao tesouro. A cada nova pista, um novo aprendizado.